

A Revelação e a Eclesiologia como Chave de interpretação da obra de Dietrich Bonhoeffer

Vanessa Roberta Massambani Ruthes*

Robson Stigar**

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar os pressupostos teológicos que fundamentam a análise desenvolvida por Dietrich Bonhoeffer. Esse autor, cuja vida e reflexão são profundamente entrelaçadas, desenvolve um itinerário teológico que perpassa diversas fases. Essas, não podem ser consideradas como estanques, ou ainda contraditórias, por se fundamentam em diferentes perspectivas teórico-analíticas. Tal realidade pode ser compreendida por alguns como relativismo, o que se constituiria um problema teológico. Contudo, há uma unidade no pensamento de Bonhoeffer, que está presente em duas categorias: a revelação e a eclesiologia. Ambas, presentes em sua reflexão teológica, desde o início de sua atuação acadêmica, vão recebendo contornos diferenciados conforme as análises que o autor faz da vida e da fé na primeira metade do século XX. Dessa forma, essas características se constituem a chave de interpretação da obra de Bonhoeffer.

Palavras Chaves:

Eclesiologia, Fé, Revelação.

Abstract

This article aims to present the theological assumptions that underlie the analysis developed by Dietrich Bonhoeffer. This author, whose life and reflection are deeply intertwined, develops a theological itinerary that goes through several phases. These cannot be considered as watertight, or even contradictory, as they are based on different theoretical-analytical perspectives. This reality can be understood by some as relativism, which would constitute a theological problem. However, there is a unity in Bonhoeffer's thinking, which is present in two categories: revelation and ecclesiology. Both, present in his theological reflection, since the beginning of his academic work, are receiving different outlines according to the analyzes that the author makes of life and faith in the first half of the 20th century. Thus, these characteristics constitute the key to the interpretation of Bonhoeffer's work.

Keywords: Ecclesiology,

Faith, Revelation.

* Doutora em Teologia pela PUCPR. E-mail: vanessa_ruthes@yahoo.com.br

** Doutor em Ciência da Religião pela PUCSP. E-mail: robsonstigar@hotmail.com

Texto enviado
em
06.07.2020
Aprovado em
18.12.2020



Introdução

A obra de Dietrich Bonhoeffer possui, dentre várias, uma característica importante a ser ressaltada: nela a “biografia e a teologia interpenetram-se e entrelaçam-se” de forma profunda (GIBELLINI, 2010, p. 75). Tal sintonia e honestidade intelectual o impulsionam a viver e teorizar sobre temas contemporâneos e que diretamente impactaram sua vida e a de sua sociedade.

Bethge (1971), afirma que duas grandes mudanças influenciaram de forma profunda não somente a vida de Bonhoeffer, como também impactaram de forma expressiva no computo de sua obra. A primeira foi por volta do ano de 1931, quando o Bonhoeffer além do ensino da Universidade de Berlim passa a exercer o ministério Pastoral. Nesta fase identifica-se que o teólogo acadêmico passa a ser o teólogo cristão, tendo em vista que passa a empenhar-se mais diretamente com a vida comunitária. A segunda mudança ocorre aproximadamente no ano de 1939, com os impactos do governo do III Reich na Alemanha e o início da II Guerra Mundial. Neste período Dietrich foi testemunha do subjulgamento das Igrejas frente ao poder secular e militar. E, segundo Bethge (1971) passa a ser não mais apenas o teólogo cristão, mas o contemporâneo, no sentido que suas reflexões teológicas vêm ao encontro das necessidades da sociedade de sua época.

Esse entrelaçamento entre a vida e a reflexão fez com que seu pensamento pudesse ser categorizado em fases específicas, nas quais encontramos reflexões teológicas diferentes ou ainda contraditórias. O que faz ascender uma problemática: o pensamento de Bonhoeffer é descontínuo, ou seja, baseado em um relativismo teológico? Ou há elementos teóricos que nos permitem entender seu itinerário reflexivo?

Buscando analisar essa problemática, vamos proceder uma análise de conteúdo, um método que a partir de informações presentes em diferentes discursos, busca compreender criticamente o sentido explícito ou implícito presentes nesses (SEVERINO, 2017).

Nessa perspectiva, vamos conhecer o percurso teológico de Bonhoeffer, entender os principais pressupostos de sua reflexão e a forma como esses se expressam na estruturação da última fase de sua produção.

O percurso teológico de Bonhoeffer

Como já foi afirmado anteriormente, o itinerário de produção teológica de Bonhoeffer está intimamente ligado com seu itinerário pessoal e espiritual. Contudo, se pode afirmar que há processos de ruptura completa entre o que ele pensou e escreveu em seu período acadêmico e com o que ele desenvolveu nos demais períodos de produção teológica. Podemos afirmar sim, que há continuidades e descontinuidades tendo em vista novas interpretações de mundo que o autor faz. Mas, em todas elas é nítida a presença de conteúdos trabalhados em toda sua trajetória teológica.

A primeira grande obra de Bonhoeffer é a *Sanctorum Communio*, um tratado de eclesiologia, que se fundamenta em alguns princípios, tais como: ser pessoal, comunidade social e espírito objetivo. Nessa obra o autor, procura estruturar a identidade entre a Igreja e Cristo a partir da noção paulina da Igreja como Corpo de Cristo. Segundo Gibellini (2012), para Bonhoeffer a Igreja nada mais é que Cristo existindo como comunidade, pois nela o próprio Cristo esta presente.

Outra obra importante, considerada por alguns como continuação da anterior, é *Ato e Ser: Filosofia Transcendental e Ontologia na Teologia Sistemática*, que tem como objetivo demonstrar o problema da interpretação da revelação (MONDIN. 1980, p. 171).

Refletindo acerca da forma como Deus se revela ao ser humano sobre os efeitos dessa revelação, Bonhoeffer destaca a importância de um fundamento eclesiológico para a análise. Para o autor, se deve considerar a estrita relação da revelação e da Igreja entendida como Corpo de Cristo. O Ato e o Ser se manifestam como uma realidade dialética da fé e da comunidade cristã, que se constituem realidades interdependentes por natureza (BONHOEFFER, 1996, p. 12).

Uma terceira obra de grande expressividade é *Discipulado*, que é compreendida como uma obra na qual é possível identificar o início da transição da reflexão teológica de Bonhoeffer, pois nela as preocupações do autor passam da esfera da teologia sistemática para a teologia prática, moral e espiritual. Nesta obra, destinada aos aspirantes do ministério pastoral do seminário de Finkenwalde, Bonhoeffer aborda de forma profunda as dimensões do seguimento. Refletindo sobre a teologia da graça, o autor faz uma distinção entre a graça barata e a preciosa.

A primeira é fruto de uma relação de barganha com Deus, na qual a vida cristã se desenvolve sobre a égide da retribuição, a vida cristã não é fruto da fé pura e sincera, mas da busca de uma salvação escatológica. A graça preciosa, por sua vez, é aquele que fundamenta a vida cristã sobre o prisma da gratuidade e da misericórdia. Ser cristão, significa viver a partir do amor de Deus, e no seio da comunidade desenvolver o seguimento a Cristo (BONHOEFFER, 2016).

As reflexões acerca da coerência espiritual aprofundam-se de forma ímpar e se expressam na reflexão que Bonhoeffer realiza acerca do comportamento humano em uma obra incompleta: *Ética*. Versando sobre questões acerca dos fundamentos da ética cristã, e de que forma essa pode ser considerada como coerente no mundo ocidental do início do século XIX, Bonhoeffer faz uma aproximação entre valores e a revelação. Afirma que as categorias de bem e mal, não são apenas uma construção histórica no contexto da cristandade, mas são fruto do processo de revelação consumado em Cristo. É importante destacarmos que para Bonhoeffer a revelação não é algo que está fora da história, mas se manifesta nela influenciado-a. (BONHOEFFER. 2002, p. 24; 53).

Nesse sentido, Bonhoeffer não vê a ética como algo apenas relacionado à vida privada do sujeito, esse inserido em um tempo e espaço histórico é um ser de relações. Essas relações precisam ter como fundamento a fé na revelação de Cristo, e dialogar com todas as instâncias sociais, inclusive a política (BONHOEFFER. 2002, p. 177).

Por fim, destacamos a última obra de Bonhoeffer: *Resistência e Submissão*, uma compilação de epístolas e registros pessoais que foram sistematizados por Eberhard Bethge. Trata-se de um conjunto de reflexões realizadas nos últimos anos de sua vida, principalmente no período em que o autor permaneceu encarcerado devido a sua atividade política de resistência ao nazismo. Dentre as várias reflexões destacam-se as análises que o autor faz da revelação no contexto social e religioso, pontuando a desvinculação entre discurso e prática.

Para ele, o cristianismo havia esvaziado seu sentido religioso quando fundamentou os seus valores em uma compreensão de revelação abstrata. Resgatando o sentido da revelação histórica, apresenta Cristo, sua pregação e sinais como parâmetro para o sujeito e a comunidade cristã. Em um mundo no qual o anúncio da morte de Deus foi feita (NIETZSCHE, 2001), aponta para a possibilidade da vivência de um cristianismo a-religioso, no qual o sentido

para a existência estaria apenas em ser e estar como novo Cristo no mundo. (BONHOEFFER. 1968, p. 161).

Os pressupostos teológicos de Bonhoeffer

No percurso teológico desenvolvido por Bonhoeffer, podemos perceber que existem dois pressupostos acerca dos quais orbitam as todas as suas reflexões: a teologia da revelação e a eclesiologia. Seguindo a tradição luterana, o autor busca, nos diversos momentos de sua reflexão, qual seria a forma correta de exegese da Palavra de Deus, ou seja, qual seria forma mais correta de compreender e comunicar a mensagem cristã¹.

Essa compreensão é que fundamenta a maneira como a comunidade eclesial deve viver sua vocação cristã no mundo. Assim, se tivermos a audácia de intentar um problema teológico acerca do qual a teologia de Bonhoeffer orbita seria: como compreensão da revelação divina pode e precisa modelar a maneira como a comunidades compreendem sua vocação cristã?

Em um de seus primeiros escritos, *Ato e Ser*, o autor afirma a importância da utilização de categorias da filosofia no processo de interpretação da mensagem cristã. Entretanto, essas categorias não poderiam ser escolhidas aleatoriamente. Deveriam estar em consonância com a doutrina teológica, principalmente no que tange a concepção de uma verdade revelada, da existência da liberdade humana e da importância de categorias transcendentais.

Assim, considerando que as filosofias existencialistas e as doutrinas da analogia desprezam o aspecto da finitude humana e da transcendência de Deus, Bonhoeffer propõe como categoria de interpretação para as Sagradas Escrituras: a filosofia personalista (BONHOEFFER, 1996. p, 97).

Essa corrente filosófica tem como sua principal referência Friedrich Schleiermacher, que fundamenta sua análise em aspectos sociológicos e pessoais, concebe um Deus transcendental ao mundo, mas que ao mesmo tempo é também pessoal.

Neste sentido é que Bonhoeffer afirma, em *Ato e Ser*, que processo de Revelação não é um simples dado do passado, mas também não é um ato li-

1. É importante destacarmos que a tradição luterana se fundamenta em cinco princípios, um dos quais é *sola scriptura*, a partir do qual a exegese bíblica não se fundamenta na tradição apostólica (que baseia a interpretação da bíblia na tradição eclesial e no magistério), mas sim em uma perspectiva crítica na qual a análise bíblica se relaciona com a realidade histórica (SINNER, 2016).

vre, puro em si, sem significado para a pessoa em sua existência atual. Ela, a Revelação, é na verdade um encontro com a pessoa do próprio Cristo, e “através do seu corpo místico, com a própria Igreja” (BONHOEFFER. 1996, p. 12).

Contudo, essa compreensão hermenêutica passa por profundas mudanças no período em que Bonhoeffer está no cárcere. Reiteramos que nessa fase não encontramos um análise sistemática como até então era característica do autor, mas sim reflexões sobre diversas realidades. Todavia, nos é possível identificar um tema central, que nas palavras de Bonhoeffer é a pergunta sobre “o que é o Cristianismo ou também quem é Cristo para nós verdadeiramente” (BONHOEFFER, 1968, p. 131).

Para responder a tal questão, que não era apenas teórica, mas também e sobretudo existencial, Bonhoeffer apresenta que os seres humanos de sua época (século XX) já não viam sentido na religião e não possuíam uma vida religiosa, tanto no que tange ao seu aspecto ético, quanto ao seu aspecto ritual. Salienta que essa realidade é fruto de uma reflexão teológica e de um anúncio da Palavra pressupostos em um a priori religioso, ou seja, acreditava-se que o ser humano era religioso por natureza, e que a fé e a crença eram as únicas respostas para suas vidas. Contudo, como tal realidade já não era mais uma verdade, Bonhoeffer se questiona se há uma forma profana de pensar, refletir e experienciar a Deus (BONHOEFFER. 1968, p. 131).

Tal indagação traz novamente à tona a questão da Revelação e da Ecclesiolgia, pois as categorias estabelecidas por Bonhoeffer em Ato e Ser, perdem seu sentido de ser tendo em vista o declínio do religioso. Como pensar então o processo de transmissão do evangelho e a formação da comunidade cristã? Como pensar a existência do Cristianismo sem a religião? Seria “a religião apenas uma roupagem para o cristianismo, como um passo preparatório para a total a-religiosidade?” (BONHOEFFER. 1968, p. 131).

Para responder tais questões, Bonhoeffer realiza uma genealogia acerca das concepções de Deus e de como estas impactaram a vida, os discursos e as vivências religiosas. Para o autor existem duas grandes compreensões: a de um Deus das certezas metafísicas, que se apresenta “ou para dar uma aparência de solução aos problemas insolúveis, ou como força no fracasso humano”; e um Deus bíblico que age na história, que está “ao lado da vida e do bem do ser humano” (BONHOEFFER. 1968, p. 132).

Quando o teólogo alemão disserta acerca da concepção do Deus das certas metafísicas afirma que esse é compreendido como um Deus ex machina, ou seja, a relação com o divino é relegada uma dimensão intimista e individualista, tendo em vista que a relação do humano com esse existe apenas além da experiência do mundo. Este deslocamento, “a expulsão de Deus da existência pública do homem conduz à tentativa de ao menos ainda conservá-lo ao alcance do pessoal, do íntimo e do privado”. (BONHOEFFER. 1968. pp. 165. 167).

A grande consequência deste processo foi a separação entre a vida interior e a exterior do homem, Deus foi relegado ao plano intimista, o seu domínio é simplesmente espiritual, não há nexos consequencial entre a interioridade (reflexão) e a exterioridade (prática vivencial). Isto acaba por gerar uma cisão interna no homem cujo resultado é a desvinculação da religiosidade pessoal da prática cotidiana.

No que tange a segunda aceção, Bonhoeffer afirma que o Deus das Escrituras, é um Deus que se revela na História da humanidade, que não está separado dela e que não é possível contrabandear-lo para qualquer canto último e secreto (BONHOEFFER. 1968, p. 169). Nesta perspectiva, é que o autor inicia um processo de estudo da interpretação não religiosa dos conceitos bíblicos, sendo que: “podemos dizer que a referida evolução até a emancipação do mundo, com a qual se acaba uma ideia falsa de Deus, liberta o olhar para o Deus da Bíblia”. (BONHOEFFER. 1968, p. 173)

Segundo Forte (2003, p.155), o objetivo do teólogo alemão é buscar uma forma pela qual o se possa não apenas pensar, mas viver o cristianismo para além do fim da modernidade. Assim, Bonhoeffer não se apoia em um pensamento totalizante ao par das visões ideológicas, mas um pensamento baseado na fraqueza do Deus Sofredor que se encarna, se faz humano. Como afirma em sua carta de 21 de julho de 1944:

Mais tarde compreendi e experimento ainda até a presente hora, que só na plena aquedidade da vida aprendemos a crer. Quando desistimos completamente de fazer algo importante de si mesmo (...) tudo isto eu chamo aquedidade, isto é viver na plenitude das tarefas, problemas, dos sucessos e fracassos, das experiências e perplexidades, assim nos lançamos inteiramente nos braços de Deus, e não mais levamos tão a sério os nossos padecimentos, mas levamos a sério o sofrimento de Deus no mundo, e então vigiamos com Cristo

no Getsemani, e penso que isto é fé, isto é *metanóia*. Assim nos tornamos homens cristãos. Jamais no tornaremos arrogantes com os sucessos, nem desalentados com os fracassos, se sofrermos com Deus na vida presente (BONHOEFFER. 1968. p. 178).

Toda esta reflexão desemboca em uma proposta, a qual Bonhoeffer denomina de Cristianismo a-religioso, uma concepção teológica na qual Deus se revela na história e se plenifica pela encarnação de Cristo, o qual demonstra que a verdadeira vida está na autenticidade de reconhecer a finitude humana e participar do sofrimento de Deus neste mundo. Entendendo que a esperança da ressurreição não está em um além-morte, mas sim na transcendência da própria existência que se realiza no existir-para-outros.

O Cristianismo a-religioso como proposta de vivência comunitária da fé em um Deus histórico

Pensar uma nova proposta de vivência do cristianismo a partir da teológica de Bonhoeffer inclui compreender não apenas os aspectos históricos no qual o autor estava inserido, mas o processo de secularização que toma uma forma radical no século XX. Para Bonhoeffer esse processo consiste na libertação da razão, fato que se intensifica com a Reforma Protestante. A partir dessa o mundo Ocidental se tornou um grande campo para o florescimento das ciências racionais e empíricas e o desenvolvimento da tecnologia, que se desenvolveu como um fim em si mesma (BONHOEFFER. 2002, p. 59).

O ponto nevrálgico para o processo de secularização foi o reconhecimento da libertação da razão, da primazia do conhecimento, e do domínio sobre a natureza. Tais elementos viabilizam a afirmação de que o transcendente permanece no campo do incognoscível, não havendo possibilidade de deliberar sobre ele. Como afirma Bonhoeffer (1968, p. 155): “o homem aprendeu a se defender por conta própria contra todos os problemas mais importantes sem que recorresse a hipótese de trabalho: Deus”.

Contudo, o autor reconhece também que não é possível um retrocesso: “temos que nos defrontar com ela; não podemos voltar a um ponto anterior a ela” (2002, p. 59). Como afirma Lacoste:

O procedimento de Bonhoeffer consiste assim em levar em conta o niilismo moderno: os homens nem ídólatras são

mais. Por outro lado, a tendência niilista em conceber tudo como um eterno vir a ser, manifesta que o homem se tornou maior e se libertou de seus tutores (LACOSTE. 2004, p. 1630).

Neste sentido, podemos afirmar que o autor reconhece que esse irreversível movimento em direção à autonomia humana permite que o mundo funcione sem Deus. Como afirma em uma carta de 16 de julho de 1944:

Deus nos dá a conhecer que devemos viver como indivíduos capazes de enfrentar a vida sem ele. O Deus que está conosco é o Deus que nos abandona! O Deus que nos faz viver no mundo sem a hipótese de trabalho Deus é o Deus perante o qual permanentemente temos de estar. Diante de Deus e com Deus vivemos sem Deus. Deus permite que seja expulso do mundo até a Cruz. Deus é impotente e fraco no mundo e exatamente assim Ele está ao nosso lado e nos ajuda. (BONHOEFFER. 1968, p. 173)

O problema posto por Bonhoeffer nesse contexto é “Cristo e o mundo Emancipado” (BONHOEFFER. 1968, p. 157), isto é “como conjugar com a fé em Cristo, o caminhar do mundo para a autonomia” (GIBELLINI. 2010, p. 79).

Neste sentido o autor faz um paralelo entre a questão paulina da circuncisão – que o apóstolo não viu como condição para a justificação – e a religião – que não seria mais condição para a salvação. (BONHOEFFER. 1968, p. 132). Dessa forma, o teólogo alemão critica veementemente o discurso da Igreja que se fundamenta no Deus Metafísico (da interioridade e dos limites da vida e da vida após a morte) e ressalta a importância de se falar de Deus no centro, ou seja, “não nas fraquezas, mas na força, não, portanto, em combinação com a morte e a culpa, mas ao lado da vida e do homem” (BONHOEFFER. 1968, p. 132).

Sob essa ótica, Bonhoeffer afirma que a mensagem central a ser anunciada pelo Cristianismo é a da esperança da ressurreição e não da redenção. Essa última relega a salvação das preocupações, necessidades, angústias e desejos apenas para o além morte. A ressurreição, por sua vez, “reconduz o homem de uma maneira completamente nova (...) para as responsabilidades deste mundo” (BONHOEFFER. 1968, p. 163).

O ser humano é conclamado a compartilhar o sofrimento de Deus por causa do mundo sem Deus (...) Ser cristão não sig-

nifica ser religioso de uma determinada maneira, tornar-se alguém (um pecador, penitente ou um santo) com base em alguma metodologia, mas significa ser pessoa; Cristo não cria em nós um tipo de ser humano, mas o próprio ser humano. Não é o ato religioso que produz o cristão, mas a participação no sofrimento de Deus na vida mundana. Esta é a metanóia: não pensar primeiramente nas próprias necessidades ou aflições, perguntas pecados e medos, mas deixar-se arrastar para o caminho de Jesus, para dentro do evento messiânico do cumprimento de Is. 53 agora. (...) Jesus não conclama para uma nova religião, mas para a vida. (BONHOEFFER. 1968, p. 175).

Assim, a partir da concepção do Deus das Escrituras, Bonhoeffer ressalta a importância de compreender o Cristianismo encarnado na história e fundamentado em um Deus que se revela e se encarna na mesma. “Quem fala em Deus não pode riscar simplesmente o mundo real em que vive. Senão não estaria falando do Deus que em Jesus Cristo entrou nesse mundo, mas de algum ídolo metafísico” (BONHOEFFER. 2002. p. 202).

Para o autor em um mundo emancipado, a relação que o ser humano tem com Deus não é religiosa, mas fundamentada na transcendência. Ou seja, não nos relacionamos com um Deus que está acima de nossa imaginação, mas, participando na natureza de Jesus nossa relação com Ele é uma nova vida no existir-para-os-outros. Sendo que para Bonhoeffer, este outro é o transcendente (BONHOEFFER. 1968, p. 185).

Considerações Finais

A teologia desenvolvida por Bonhoeffer, como vimos, é profundamente arraigada em uma perspectiva histórica, na qual o autor, busca compreender a realidade dos novos tempos a partir da ótica da fé. Fiel a tradição luterana, o autor não busca adaptar essa realidade hodierna às categorias teológicas por ele utilizadas, pautando-se no desenvolvimento de uma Tradição. Mas sim, busca adaptar essas categorias à realidade histórica e existencial.

Essa perspectiva de análise, é que permite o autor suplantar a ideia de uma religião como uma instituição, mas como uma prática espiritual devidamente arraigada nas necessidades sociais. Buscando, um relacionamento com o mundo e com o outro a partir da perspectiva da misericórdia, o autor suplanta a doutrina ou ainda a moral religiosa, mas apresenta Cristo como grande modelo

escatológico.

Entretanto, apesar de todas essas características, o itinerário teológico de Bonhoeffer não pode ser caracterizado como uma reflexão relativista, pois fundamenta-se profundamente em duas categorias que são consideradas pelos autor como a base da vida cristã: a forma como se dá a relação com Deus (revelação) e a forma como essa relação se concretiza na história (eclesiologia).

Referências

- BETHGE, Eberhard. *Svolte Nelle Vita e Nell'opera di Dietrich Bonhoeffer*. In: GIBELLINI, Rosino. **Dossier-Bonhoeffer**. Brescia: Queriniana, 1971.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Act and Being: transcendental philosophy and ontology in systematic theology**. Minneapolis: Fortress Press, 1996.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Trad. Murilo Jardelino. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 6. ed. Sinodal: São Leopoldo, 2002.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e Submissão**. Trad. Ernesto Bernhoeft. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FORTE, Bruno. **À escuta do Outro: filosofia e revelação**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. Trad. João Paixão Neto. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- GIBELLINI, Rosino. **Breve história da teologia do Século XX**. Trad. Antônio Bicarato. Aparecida: Santuário, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas 2010.
- MONDIN, Battista. **Os Grandes Teólogos do Século Vinte: os teólogos protestantes e ortodoxos**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SEVERINO, Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- SINNER, Rudolf von. **Tradição apostólica: uma perspectiva evangélico-luterana**. **Revista Reflexão**. n. 41, vol. 2. p. 139-153, jul/dez, 2016.